

Urgências Subjetivas

Por Tiago Sanches Nogueira¹

Desta forma, estar mortalmente doente é não poder morrer, mas neste caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade da última esperança, a impossibilidade de morrer. Enquanto ela é o supremo risco, tem-se confiança na vida. Mas quando se descobre o infinito do outro perigo, tem-se confiança na morte. Entretanto, quando o perigo cresce a ponto de a morte se tornar esperança, o desespero é o desesperar de nem sequer morrer. (...) Eternamente morrer, morrer sem, todavia, morrer, morrer a morte. Porque morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a morte. E vivê-la um só instante, é vivê-la eternamente. (KIERKEGAARD, 1846/2003, p. 23)

As urgências que muitas vezes recebemos em nossa clínica revelam que as variações subjetivas mobilizadas pela "surpresa" perturba não somente o campo do sentido, mas sobretudo o campo temporal do sujeito. O sujeito está andando pela vida e de repente "Tum"! Algo lhe acontece. Um acontecimento injuntivo, disruptivo, desencadeador... Um rompimento social, amoroso, subjetivo... Seja como for, é notável que nestes casos algo "pegou" o sujeito de surpresa. Tatit, lendo Paul Valéry, define a surpresa como “aquilo que já é para o objeto, mas ainda não é para o sujeito²” (TATIT, 1997, P. 54). Logo, o adiantamento de um inesperado lança este sujeito à um estado de concessão que o coloca em espera. Não poder esperar essa espera, ou seja "des-esperar", é a uma das manifestações do sofrimento marcado pela urgência.

Aprendemos com Freud que um excesso de tensão produz formas de repetição. Quantas vezes não presenciamos nas análises que conduzimos a reiteração incessante de um tema que, além ter função de elaboração (recordar, repetir e

¹ Tiago Sanches Nogueira, psicanalista, doutorando em Psicologia Clínica pela USP, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política USP/PUCSP. É autor do livro “Ensaio sobre o infinito: música e psicanálise”, e do álbum musical “Esgritos: Romance de Formação”. Email: tiagosanchesnogueira@gmail.com.

² Em contrapartida, a espera se define como “o que não é ainda para o objeto, mas já é para o sujeito” (TATIT, 1997, p. 54).

elaborar), também cumpre a função de escoar a tensão acumulada pelo impacto de determinado estímulo perceptivo (estímulo fonte de excitação). Tal constatação recupera a ideia de Zilberberg, importante semioticista que diz: a repetição é a confirmação do esperado (Zilberberg, 2011).

Assim, a repetição, parece surgir nestes casos como uma forma de proteção contra a subitaneidade desta "alguma coisa a advir". Se para Freud o princípio de prazer é uma tendência que opera para reduzir as excitações no aparelho psíquico, a compulsão à repetição serve para dominar retroativamente as excitações que fizeram efrusão no aparelho:

Quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis (Freud, 1920, p. 40).

A repetição cria um efeito de parada na progressão rítmica. A permanência nesse estado seria a continuação da parada. A entrada de algo novo nesta continuação da parada transforma o sentido da repetição, que passa a ser a preparação para a mudança, o caminho sem surpresas para uma virada de impacto, ou seja, a calma que antecede a tempestade.

Lemos (2015) refere que, se com a repetição não resolvida estamos no máximo da espera, o ritmo não é mera intermitência, pois esta opera num âmbito local. Para que a repetição seja apreendida como um ritmo, é preciso compreender o conjunto das repetições tomado globalmente, ou seja, é necessário recortar o todo da estrutura na qual opera a repetição:

Nossa discussão é, nesses termos, eminentemente tensiva, uma vez que estamos preocupados em estabelecer o liame entre a falta e a surpresa. A lógica da construção repetitiva é concessiva e portanto tônica: espera-se que tudo continue o mesmo, mas não continua e exatamente por isso entendemos que o mesmo era, na verdade, a preparação para o diferente (Lemos, 2015, p. 136).

Sendo assim, a repetição nega o progresso discursivo e clama por uma

retomada de direção. Produzindo uma estagnação, a repetição aponta para o fato de que não há nem mudança e nem transformação, mas sim apenas grandes ciclos que apontam para uma expectativa de retomada de percursos.

Octavio Paz (2012) refere que a noção de impacto está, normalmente, associada ao inusitado. Se a experiência humana é caracterizada por um ritmo, quando este ritmo é interrompido, temos um choque, um rompimento. Se este choque continua, esperamos alguma coisa que não sabemos nomear muito bem o quê. Essa coisa que não sabemos nomear, muito mais relacionada com aquilo que em nós é inominável do que algo propriamente desconhecido, “traz consigo um valor de precipitação que retira o sujeito de seu próprio fluxo constante de vida e o faz, a contragosto, saltar etapas. A perda de segmentos temporais subjetivos, cujo encadeamento garante a consciência do ser no mundo, produz nesse sujeito lacunas de identidade que precisam ser preenchidas” (TATIT, 2010, p. 81). Eis um caminho para começarmos a abordar a urgência em nosso trabalho clínico.

Referências Bibliográficas

- TATIT, L. (1997). *Musicando a semiótica*. São Paulo: Annablume,. 163 p.
- _____ (2010). *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: HANNIS, Luiz Alberto (coord.). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p 123-198.
- KIERKEGAARD, S. (1849). *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- LE MOS, C. L. (2015). *Condições semióticas da repetição*. Tese de doutorado em linguística desenvolvida na faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da USP
- PAZ, O. (2012). *O Arco e a Lira*. São Paulo: Cosac Naify. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht.
- ZILBERBERG, C. (2011). *Elementos de Semiótica Tensiva*. São Paulo: Ateliê, 2011. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas.